

**EMPREENDEDORISMO FEMININO: O RETRATO SOCIOECONÔMICO DAS
MICROEMPREENDEDORAS NO ESTADO DO CEARÁ****FEMALE ENTREPRENEURSHIP: THE SOCIOECONOMIC PORTRAIT OF
MICROENTREPRENEURS IN THE STATE OF CEARÁ****EMPRENDIMIENTO FEMENINO: EL RETRATO SOCIOECONÓMICO DE LAS
MICROEMPREENDEDORAS EN EL ESTADO DE CEARÁ**

DOI: 10.54899/dcs.v23i95.6813

Submitted: 8/27/2026

Approved: 8/28/2026

Published on: 9/18/2026

Maria Elizângela Alcântara Brito

Graduada em Administração de Empresas

Instituição: Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA)

Patrícia Barros Braga

Doutora em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade

Instituição: Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) – campus Ibiapaba

Welber Fernando Alves da Silva

Mestre em Gestão Pública

Instituição: Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) – campus Ibiapaba

Nádia Alves Lima

Mestra em Tecnologia Educacional

Instituição: Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) – campus Ibiapaba

Nayara Katryne Pinheiro Serafim

Doutoranda em Administração

Instituição: Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) – campus Ibiapaba

Geneci Nobre de Amorim

Especialista em Docência do Ensino Superior

Instituição: Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) – campus Ibiapaba

RESUMO

O empreendedorismo feminino vem ganhando espaço e importância na economia, ajudando a impulsionar a produção e a promover a inclusão social. Em contextos de desigualdade de gênero, como o brasileiro, a presença de mulheres no comando de empreendimentos representa uma via para a autonomia financeira e um movimento de resistência frente a barreiras estruturais que limitam seu acesso a recursos, mercados e oportunidades. A pesquisa teve como objetivo analisar o perfil socioeconômico das microempreendedoras no estado do Ceará e na cidade de São Benedito, entre 2022 e 2024. Adotou-se abordagem quantitativa, examinando variáveis como participação de gênero na titularidade de negócios, distribuição etária, posição ocupacional e domiciliar, escolaridade,

formalização e diferença de rendimento em relação aos homens. Os resultados revelam que as mulheres representam, em média, 36% dos proprietários de negócios no Ceará, concentrando-se na faixa etária de 30 a 59 anos, com mediana de 40 a 49 anos. Esses achados reforçam a necessidade de políticas públicas voltadas à qualificação, ao crédito e à formalização.

Palavras-chave: empreendedorismo feminino; socioeconômicos; microempreendedores; negócios.

ABSTRACT

Female entrepreneurship has been gaining space and importance in the economy, helping to boost production and promote social inclusion. In contexts of gender inequality, such as the Brazilian one, the presence of women at the helm of businesses represents a path to financial autonomy and a movement of resistance against structural barriers that limit their access to resources, markets, and opportunities. The research aimed to analyze the socioeconomic profile of microentrepreneurs in the state of Ceará and in the city of São Benedito, between 2022 and 2024. A quantitative approach was adopted, examining variables such as gender participation in business ownership, age distribution, occupational and household position, education, formalization, and income difference in relation to men. The results reveal that women represent, on average, 36% of business owners in Ceará, concentrated in the 30 to 59 age range, with a median of 40 to 49 years. These findings reinforce the need for public policies aimed at qualification, credit, and formalization.

Keywords: female entrepreneurship; socioeconomic; microentrepreneurs; business.

RESUMEN

El emprendimiento femenino ha ido ganando espacio e importancia en la economía, ayudando a impulsar la producción y a promover la inclusión social. En contextos de desigualdad de género, como el brasileño, la presencia de mujeres al frente de emprendimientos representa una vía hacia la autonomía financiera y un movimiento de resistencia frente a barreras estructurales que limitan su acceso a recursos, mercados y oportunidades. La investigación tuvo como objetivo analizar el perfil socioeconómico de las microemprendedoras en el estado de Ceará y en la ciudad de São Benedito, entre 2022 y 2024. Se adoptó un enfoque cuantitativo, examinando variables como la participación de género en la titularidad de negocios, distribución etaria, posición ocupacional y domiciliar, escolaridad, formalización y diferencia de ingresos en relación con los hombres. Los resultados revelan que las mujeres representan, en promedio, el 36% de los propietarios de negocios en Ceará, concentrándose en el rango etario de 30 a 59 años, con mediana de 40 a 49 años. Estos hallazgos refuerzan la necesidad de políticas públicas orientadas a la capacitación, al crédito y a la formalización.

Palabras clave: emprendimiento femenino; socioeconómicos; microempreendedores; negocios.

1 INTRODUÇÃO

O empreendedorismo, enquanto motor de inovação e de desenvolvimento econômico, tem desempenhado um papel importante na geração de empregos, na dinamização de mercados e na criação de soluções que respondem às demandas sociais e produtivas. Conforme Drucker (1985), a essência do espírito empreendedor reside na capacidade de identificar oportunidades e transformar ideias em iniciativas economicamente viáveis.

O empreendedorismo feminino, por sua vez, tem se firmado como um fenômeno de grande relevância no cenário econômico e social contemporâneo,

impulsionado pela busca de autonomia financeira, flexibilidade de horários e realização profissional. Nos últimos anos, o número de mulheres que optam por empreender tem crescido significativamente, seja por necessidade ou por oportunidade, configurando um movimento que desafia as estruturas tradicionais do mercado de trabalho (Teixeira; Bomfim, 2016).

Esse crescimento reflete não apenas mudanças culturais e sociais, mas também a ampliação do acesso a políticas de incentivo, redes de apoio e tecnologia, que facilitam a criação e a gestão de negócios (Bolson; Oliveira; Vale, 2018). Segundo dados do SEBRAE (2024), as mulheres representam cerca de 52% dos empreendedores no Brasil, percentual que vem crescendo ano a ano e, atualmente, corresponde a mais da metade das novas micro e pequenas empresas abertas no país, evidenciando o protagonismo feminino na economia nacional.

No entanto, apesar dos avanços, a jornada empreendedora feminina ainda é marcada por desafios específicos, principalmente quando relacionada à maternidade. A dupla jornada de trabalho, as barreiras estruturais e a falta de suporte adequado tornam o equilíbrio entre carreira e família um obstáculo significativo para muitas mulheres (Cineglaglia *et al.*, 2021).

No estado do Ceará, localizado na região Nordeste do Brasil, por exemplo, a participação das mulheres no empreendedorismo tem sido de 46,3%, registradas como Microempreendedores Individuais (MEIs), de acordo com dados do SEBRAE (2024), 78% utilizam capital próprio para iniciar o empreendimento e 6% possuem apoio financeiro de instituições (SEBRAE, 2024). Assim, compreender as estratégias e os recursos adotados para conciliar esses papéis torna-se essencial para o desenvolvimento de políticas e práticas mais inclusivas e eficazes no apoio ao empreendedorismo feminino (Teixeira; Bomfim, 2016).

O empreendedorismo impõe desafios que vão além da gestão do tempo e da carga de trabalho, envolvendo também fatores emocionais, sociais e estruturais que afetam diretamente a trajetória profissional das mulheres. Muitas empreendedoras enfrentam dificuldades para acessar linhas de crédito, estabelecer redes de apoio sólidas e lidar com as expectativas sociais que ainda associam a maternidade ao papel exclusivo de cuidadora (Vieira; Vieira; Enes, 2022). A literatura aponta que o empreendedorismo feminino atua fortemente em setores de menor impacto econômico, como a prestação de serviços domésticos, o artesanato e os serviços de estética e de cuidados (Bolson; Oliveira; Vale, 2018).

Além disso, dados do SEBRAE (2024) indicam que 70% das empreendedoras do Ceará estão endividadadas, o que compromete sua capacidade de investimento. O grau de escolaridade destas interfere diretamente na sua performance como empreendedoras, visto que 68,2% possuem ensino médio completo ou ensino superior incompleto; conseqüentemente, isso impacta diretamente na sua renda e na qualidade de vida. Adicionalmente, a conciliação trabalho-família divide o empreendedorismo entre os afazeres domésticos não remunerados (Jucec, 2022).

Embora o número de mulheres empreendedoras no Brasil tenha crescido nos últimos anos, persistem desafios significativos que dificultam a expansão e a sustentabilidade de seus negócios, especialmente no que tange à conciliação entre responsabilidades familiares e profissionais, ao acesso a recursos financeiros e à participação em redes de apoio. Diante disso, surge a questão: Quem são as mulheres empreendedoras que lutam por sucesso e permanência no mercado de micro e pequenas empresas no Estado do Ceará?

Dessa forma, o objetivo geral desta pesquisa é mapear o cenário socioeconômico enfrentado pelas mulheres empreendedoras no Ceará para a expansão, sustentabilidade e continuidade de suas micro e pequenas empresas, no período de 2022 a 2024. Dessa forma, os objetivos específicos foram: identificar o perfil socioeconômico das microempreendedoras no estado do Ceará, considerando variáveis como faixa etária, escolaridade, posição no domicílio, nível de formalização e rendimento médio; mostrar as diferenças de participação, rendimento e condições de trabalho entre mulheres empreendedoras do Ceará e do município de São Benedito; expor a relação entre escolaridade, formalização e rendimento das microempreendedoras na sustentabilidade e no crescimento dos negócios femininos.

A justificativa baseia-se na relevância crescente do microempreendedorismo como instrumento de inclusão econômica, especialmente no contexto das persistentes desigualdades de gênero na sociedade brasileira. No Estado do Ceará, região marcada por desafios socioeconômicos, como altas taxas de desemprego e informalidade laboral, as microempreendedoras representam um segmento vital para o dinamismo econômico local, contribuindo para a geração de renda familiar e para o desenvolvimento comunitário.

Teoricamente, esta pesquisa avança o campo do empreendedorismo ao traçar a evolução conceitual do termo microempreendedorismo, desde suas origens como

estratégia de sobrevivência em economias em desenvolvimento até sua configuração atual como vetor de inovação e inclusão social.

No âmbito prático, os achados desta investigação podem orientar a formulação de políticas públicas e programas de apoio ao microempreendedorismo feminino, como iniciativas de capacitação financeira e acesso a mercados digitais no Ceará. Ao descrever o cenário do empreendedorismo feminino e analisar a renda em 2024, visando mitigar desigualdades econômicas e fomentar parcerias entre os setores público e privado.

Socialmente, a pesquisa fomenta o empoderamento das mulheres ao evidenciar as dinâmicas de renda no microempreendedorismo, contribuindo para a redução de desigualdades de gênero e o fortalecimento de redes comunitárias no Ceará. Ao destacar o papel das microempreendedoras na economia local, o estudo sensibiliza a sociedade para questões como a invisibilidade do trabalho feminino e a importância de investimentos em equidade, potencializando impactos transformadores em termos de autonomia econômica e bem-estar familiar.

Academicamente, esta investigação preenche lacunas na produção científica brasileira sobre empreendedorismo feminino regional, servindo de base para estudos futuros que explorem variáveis adicionais, como o impacto ambiental ou a digitalização de negócios. Ademais, contribui para a formação de pesquisadores ao fornecer metodologias replicáveis para análises socioeconômicas, enriquecendo o acervo de dissertações e artigos em instituições acadêmicas do Nordeste.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 EMPREENDEDORISMO: MICROEMPREENDEDORISMO FEMININO

No contexto científico, os primeiros conceitos sobre empreendedorismo surgiram com Joseph Schumpeter (1883-1950), por meio de seu livro *Teoria do Desenvolvimento Econômico*, no qual o definia como agente promotor da inovação. Neste livro, o autor aborda como a inovação nasce e está diretamente ligada ao sujeito empreendedor (Gonçalves; Santos, 2023).

O empreendedorismo tem se consolidado como um importante motor da economia global, impulsionando a inovação, a geração de empregos e o desenvolvimento regional. Segundo Drucker (1985), os empreendedores são aqueles

que buscam e implementam oportunidades de inovação, as quais se tornam ainda mais relevantes em mercados segmentados ou de nicho, como os rurais ou domésticos, onde as mulheres frequentemente desempenham um papel ativo e transformador.

O conceito de empreendedorismo, portanto, abrange a capacidade de identificar oportunidades, assumir riscos calculados e organizar recursos para a criação de valor econômico e social. Esse fenômeno não se limita a um único perfil de empreendedor, pois envolve múltiplas motivações, contextos e formas de atuação, refletindo as complexas dinâmicas do mercado contemporâneo.

No que diz respeito ao empreendedorismo feminino, é fundamental compreender que sua dimensão ultrapassa a simples inserção das mulheres no mercado de trabalho. Ela está intimamente ligada à superação de barreiras estruturais que historicamente limitam suas oportunidades, tais como as desigualdades de gênero, o acesso restrito a recursos financeiros e a sobrecarga de responsabilidades familiares (Teixeira; Bomfim, 2016). As mulheres empreendedoras, por vezes, precisam conciliar as demandas do negócio com os cuidados domésticos, o que impõe desafios adicionais na gestão empresarial. Nesse sentido, o empreendedorismo feminino não apenas empodera economicamente, mas também exige uma análise aprofundada das especificidades e obstáculos enfrentados por esse grupo (Cineglaglia *et al.*, 2021).

O microempreendedorismo feminino é um campo que tem se fortalecido nas últimas décadas, refletindo mudanças profundas nas estruturas econômicas e sociais. Envolve a criação e gestão de negócios por mulheres que buscam, além da autonomia financeira, a realização pessoal e a transformação das condições sociais ao seu redor (Teixeira; Bomfim, 2016). Segundo o relatório *Global Entrepreneurship Monitor* (GEM, 2020), cerca de 55% das mulheres empreendem por necessidade, buscando no empreendedorismo uma alternativa para geração de renda e sustento familiar. Esse cenário se intensificou em períodos de crise econômica, como durante a pandemia da COVID-19, quando muitas mulheres demonstraram notável resiliência ao manter suas atividades empreendedoras diante das adversidades. Assim, o microempreendedorismo feminino se configura também como um instrumento de inclusão econômica, sobretudo para mulheres em situação de vulnerabilidade social.

Por outro lado, o microempreendedorismo feminino tem gerado oportunidades significativas, reconhecidas tanto no âmbito econômico quanto social. Programas de

microcrédito, políticas públicas de incentivo e o aumento da visibilidade das empreendedoras nas redes sociais são exemplos de como o ecossistema empreendedor vem se ajustando para promover a inclusão feminina (Vieira; Vieira; Enes, 2022). Além disso, a presença das mulheres no empreendedorismo é associada à inovação, pois elas tendem a desenvolver modelos de negócio mais colaborativos, sustentáveis e com foco na responsabilidade social, criando nichos de mercado que atendem a demandas específicas de outras mulheres ou comunidades marginalizadas (Bolson; Oliveira; Vale, 2018).

Esses empreendimentos apresentam uma abordagem empática e orientada para o bem-estar coletivo, tornando-se relevantes em um contexto empresarial que valoriza cada vez mais o impacto social das atividades econômicas. Dessa forma, o empreendedorismo feminino promove a renovação das práticas tradicionais, estabelecendo um novo paradigma de negócios que desafia o status quo e fomenta um mercado mais inclusivo e diversificado (Cineglaglia *et al.*, 2021).

2.2 CARACTERIZAÇÃO DA RENDA MÉDIA DO SETOR DE MICRO E PEQUENAS EMPRESAS FEMININAS NO ESTADO DO CEARÁ

A Lei Complementar nº 123/2006 estabelece os parâmetros legais para enquadramento de micro e pequenas empresas (MPEs), definindo como microempresas aquelas com faturamento bruto anual de até R\$ 360 mil e empresas de pequeno porte com faturamento entre R\$ 360 mil e R\$ 4,8 milhões. Essas categorizações são fundamentais para o acesso a benefícios como o Regime Especial Unificado de Arrecadação de Tributos (Simples Nacional), que unifica tributos federais, estaduais e municipais, reduzindo a carga burocrática e fiscal. A lei também prevê prioridade em licitação pública e linhas de crédito específicas, como destacado no PROCRED 360, programa que oferece taxas de juros reduzidas (Selic+5 360 mil/ano), LC 123/2006, Art. 42 (SEBRAE, 2024).

Diante disso, as micro e pequenas empresas (MPEs) são pilares estratégicos da economia nacional, respondendo por 27% do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro (SEBRAE; FGV, 2011). Para a entidade privada, em uma década (2001-2011), a produção gerada por esses empreendimentos quadruplicou, saltando de 144 bilhões para 599 bilhões, em valores nominais da época, impulsionando setores-chave como Comércio (53,4% do PIB do setor), Serviços (36,3%) e Indústria (22,5%), onde

rivalizam com empresas de médio porte (24,5%). Além da geração de riqueza, as MPEs são vitais para o mercado de trabalho: empregam 52% da mão de obra formal e respondem por 40% da massa salarial do país, consolidando-se como motor de inclusão socioeconômica.

De acordo com o SEBRAE (2024), esse desempenho é fruto de avanços estruturais, como a simplificação tributária via Supersimples que unificou oito tributos em um único boleto, o aumento da escolaridade e a expansão da classe média, que ampliou o consumo. Segundo Barretto (2023), atualmente, sete em cada dez pessoas empreendem motivadas pela oportunidade, e não por necessidade, o que favorece a criação de negócios mais planejados e sustentáveis. Essas mudanças transformaram as MPEs em agentes de inovação, especialmente entre os 8,9 milhões de empreendimentos registrados, que vão de microempresas a MEIs.

As mulheres empreendedoras de alta renda são as que mais buscam capacitação para melhorar seus negócios: 57,94% delas investem em formação, contra 42,06% que não o fazem, o que representa a maior proporção entre os estratos analisados. Conforme a pesquisa, "as mulheres de alta renda representam a maior proporção entre as empreendedoras que buscam capacitação gerencial", o que evidencia uma correlação direta entre renda e investimento em qualificação (SEBRAE, 2024, p. 17).

A referência nos mostra que, enquanto nas regiões de baixa renda (BR) apenas 40,14% buscam capacitação, no Distrito Federal como um todo o índice chega a 74,68%, refletindo possíveis disparidades regionais e socioeconômicas. No entanto, ao estratificar por renda, as empreendedoras de alta renda (AR) mantêm-se à frente, contrastando com as de média/alta renda (MAR), que registram 58,48% de busca por capacitação. Esses números sublinham a importância de políticas públicas que democratizem o acesso à educação empreendedora, especialmente para mulheres em contextos de vulnerabilidade (SEBRAE, 2024).

Conforme dados do Anuário das Mulheres Empreendedoras e Trabalhadoras em Micro e Pequenas Empresas 2013, as mulheres representavam 30,8% do total de empreendedores no Brasil em 2011, mas enfrentavam disparidades salariais significativas, com rendimentos correspondendo a 80,7% dos homens nas micro e pequenas empresas (MPEs) e apenas 69,3% nas médias e grandes empresas (SEBRAE/DIEESE, 2013, p. 44).

No Ceará, onde há 211,6 mil mulheres MEIs (46,3% do total estadual), a realidade não difere: 78% das empreendedoras iniciaram seus negócios com recursos próprios, conforme destacado no Programa Acredita e apenas 6% tiveram apoio de instituições financeiras, evidenciando a precariedade no acesso a crédito (SEBRAE, 2024). Essa limitação financeira, somada à conciliação entre tarefas domésticas e empreendedorismo (54,9% das mulheres cearenses dividem essas responsabilidades), impacta diretamente a capacidade de expansão e rentabilidade dos negócios.

Além disso, 70% das empreendedoras estão endividadas, sendo 43% com parcelas atrasadas, o que restringe investimentos e sustenta ciclos de baixa renda (SEBRAE, 2024).

Apesar de 68,2% das mulheres possuírem escolaridade de nível médio completo ou superior incompleto (contra 50,4% dos homens), essa qualificação não se traduz em equidade remuneratória, reforçando a necessidade de políticas como o PROCRED 360, que prioriza taxas de juros reduzidas e ampliação de crédito para negócios liderados por mulheres (SEBRAE/DIEESE, 2013, p. 34).

O crescimento do empreendedorismo feminino no Ceará ganhou impulso significativo em 2021, com 47% das novas empresas registradas no estado sendo lideradas por mulheres, segundo dados da Junta Comercial do Estado do Ceará (JUCEC).

Esse avanço reflete uma tendência ascendente, já que, em 2019, antes da pandemia, as mulheres representavam 45% das aberturas de negócios, indicando um aumento de 2 pontos percentuais em dois anos (JUCEC, 2022). O setor de Serviços concentrou a maior participação feminina, com 27.727 registros (53,6% do total), seguido por Comércio (19.043) e Indústria (4.994), demonstrando a diversificação das atividades econômicas lideradas por mulheres.

A presidente da JUCEC, Carolina Monteiro, destaca que as mulheres estão avançando constantemente na conquista da independência financeira, mesmo em um ambiente historicamente masculino, e ressaltou que a formalização garante segurança jurídica e reconhecimento (JUCEC, 2022).

Um exemplo emblemático é o da psicóloga Elaza Souza Batista, que, após 17 anos dedicados à família, abriu sua empresa em 2021 por meio do Registro Automático, processo que simplificou a burocracia e permitiu a aprovação em minutos.

Ela ressaltou, porém, que o acúmulo de papéis entre família, casa e negócios ainda é um obstáculo estrutural (JUCEC, 2022).

Essa realidade evidencia que, mesmo com políticas de desburocratização, como as 12.238 empresas aprovadas via Registro Automático desde 2019, persistem desafios ligados à sobrecarga de trabalho não remunerado, exigindo ações intersetoriais para consolidar a equidade.

3 METODOLOGIA

A presente pesquisa adota uma abordagem metodológica quantitativa, que possibilita uma análise aprofundada sobre microempreendedorismo feminino por meio da revisão sistemática da literatura disponível (De Sousa; Dos Santos, 2020).

Todavia, a abordagem quantitativa também se faz presente nesta pesquisa, pois ela é entendida como uma sequência de processos que buscam a redução dos dados, categorização, interpretação e descrição dos resultados (Prodanov; Freitas, 2013).

O presente estudo se caracteriza como uma exploração de dados, visto que busca conhecer a situação de microempreendedoras do estado do Ceará, para, assim, gerar um novo produto para o campo em investigação (Prodanov; Freitas, 2013).

Nesse sentido, os referenciais teóricos foram selecionados com base em sua relevância e atualidade, contribuindo para a elaboração de uma síntese crítica que discute não apenas a situação econômica das microempreendedoras no Estado do Ceará no ano de 2024, mas também a evolução conceitual do termo microempreendedorismo (Cineglaglia *et al.*, 2021).

Adicionalmente, a pesquisa se classifica como exploratória, pois tem como objetivo coletar mais informações sobre o assunto por meio da pesquisa bibliográfica (Prodanov; Freitas, 2013). Além disso, o estudo será bibliográfico, pois envolve a coleta e a análise de fontes teóricas e empíricas, permitindo a construção de um arcabouço conceitual robusto e a identificação de lacunas na literatura (De Sousa; De Oliveira; Alves, 2021).

Para o presente estudo, a estatística descritiva se revelou o método mais adequado para melhor atendimento dos objetivos. Na perspectiva de Bruni (2012), a estatística é conceituada como a ciência que analisa e interpreta dados qualitativos

ou quantitativos de fenômenos coletivos ou de massa. Além disso, o autor pontua que ela se utiliza de técnicas que possibilitam a análise destes, para assim, gerar informações que permitem contribuir para a tomada de decisões.

A fonte de dados principal para esta pesquisa é o site da Receita Federal, que, apesar de ser uma instituição voltada para a administração tributária, oferece informações valiosas e oficiais que auxiliam na contextualização e na compreensão dos aspectos legais e burocráticos relacionados à formalização e ao desenvolvimento dos negócios.

Para análise dos resultados, os dados colhidos foram organizados de acordo com as categorias encontradas, tais como, faixa etária, distribuição de gênero, posição no domicílio, posição ocupacional, formalização e horas trabalhadas. Em seguida, a redação das conclusões obtidas. Dessa forma, a metodologia adotada não só permite a triangulação de informações provenientes de fontes diversas, como também fortalece a análise crítica, sobre a temática do microempreendedorismo feminino (Prodanov; Freitas, 2013).

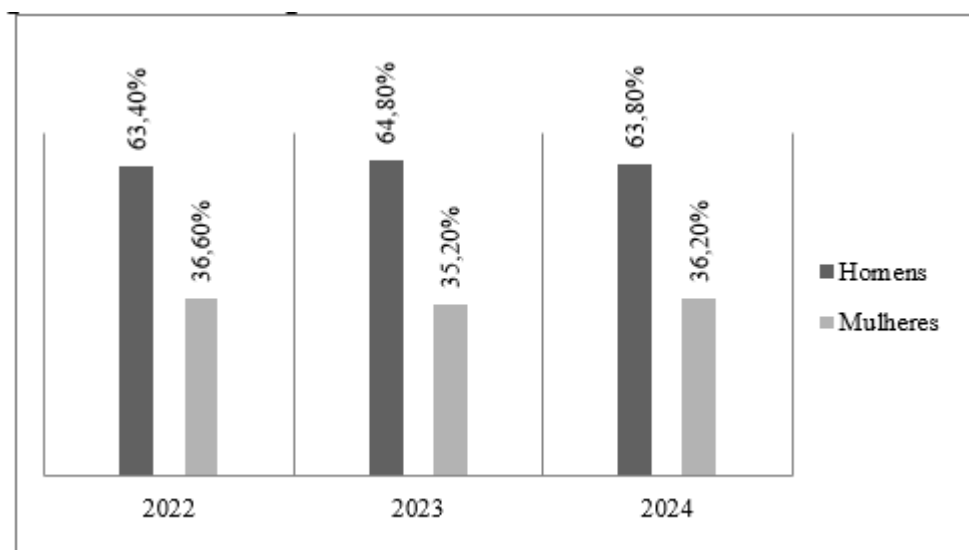
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esta seção tem por objetivo descrever os dados obtidos por meio da pesquisa disposta na seção anterior sobre o cenário socioeconômico para mulheres microempreendedoras no âmbito cearense, especialmente no município de São Benedito. Assim, são apresentados os resultados sobre gênero, faixa etária, posição no domicílio, posição ocupacional, empregabilidade no município de São Benedito e no Ceará, escolaridade, rendimento e horas trabalhadas a partir dos dados retirados do site da Receita Federal e do SEBRAE em 2024.

4.1 PARTICIPAÇÃO POR GÊNERO NOS NEGÓCIOS

Este trabalho teve como objetivo descrever e mapear o cenário do microempreendedorismo feminino no estado do Ceará e no município de São Benedito, considerando a necessidade de contextualizar a realidade estadual e municipal. Essa análise é importante, pois revela diferenças ou semelhanças no perfil empreendedor entre os dois níveis territoriais. A Figura 1 ilustra a participação de homens e mulheres proprietários de negócios entre os anos de 2022 e 2024.

Figura 1 – Donas de negócios no Ceará – 2022 a 2024



Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

Os dados da Figura 1 demonstram que a participação feminina como proprietária de negócios no Ceará apresentou uma variação negativa de 0,40 no período analisado. Por outro lado, a participação masculina, majoritária ao longo dos anos, apresentou uma variação positiva de 0,40. A média de participação masculina foi de aproximadamente 64%, enquanto a média feminina ficou em torno de 36%. Tais valores evidenciam a predominância masculina na titularidade dos empreendimentos no estado, ainda que com variações discretas ao longo do tempo.

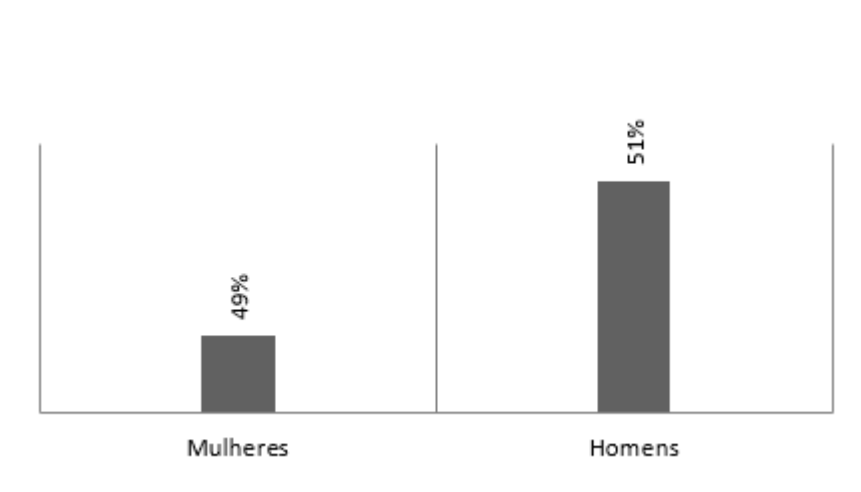
Essa diferença quantitativa entre os gêneros no empreendedorismo não se deve apenas a fatores culturais, mas também a barreiras estruturais que dificultam o acesso das mulheres a recursos essenciais para a abertura e manutenção dos seus negócios. Conforme destacam Vieira, Vieira e Enes (2022), as mulheres empreendedoras enfrentam desafios que vão desde o acúmulo das responsabilidades relacionadas ao trabalho e aos cuidados domésticos até as dificuldades para obtenção de crédito e financiamento. Essa sobrecarga compromete o tempo e a energia disponíveis para o desenvolvimento pleno do negócio, limitando o potencial de crescimento e a estabilidade das empresas lideradas por mulheres.

Além disso, a desigualdade estrutural que ainda afasta as mulheres da liderança empresarial decorre também de um ambiente tradicionalmente masculino e menos favorável à participação feminina em espaços de poder econômico. Essas condições impactam diretamente na capacidade das mulheres de competir em igualdade de condições, restringindo o acesso a redes de contatos, informações e

oportunidades de capacitação que são cruciais para o sucesso empresarial (Bolson; Oliveira; Vale, 2018).

A análise descritiva contribui para a compreensão das características do empreendedorismo feminino no contexto local. Assim como na esfera estadual, observar os dados do município de São Benedito é relevante para alcançar os objetivos desta pesquisa. A Figura 02 sintetiza uma visão analítica da representatividade de mulheres empreendedoras no município de São Benedito, Ceará.

Figura 2 – Donas de negócios em São Benedito-2025



Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

De acordo com a Figura 2, a proporção de mulheres donas de negócios em São Benedito pode ser considerada equilibrada, uma vez que, em 2025, atingiu 49%, superando a média estadual do Ceará registrada entre 2022 e 2024, que foi de 36,4%. Essa diferença de 12,6 pontos percentuais evidencia uma presença mais expressiva das mulheres no empreendedorismo local.

A diferença percentual entre os gêneros, de aproximadamente 2%, também reforça a ideia de maior equidade no município, podendo refletir características socioeconômicas locais em que o papel da mulher no mercado de trabalho é mais valorizado e visível.

No entanto, mesmo diante desse avanço, o empreendedorismo masculino ainda mantém quantitativos superiores em nível nacional e estadual, fato que suscita questionamentos relevantes sobre as barreiras estruturais e culturais que perpetuam essa desigualdade. A tendência das mulheres a empreenderem mais por necessidade do que por oportunidade, sobretudo em contextos socioeconômicos vulneráveis, em

que o empreendedorismo funciona como alternativa para garantir renda diante da escassez de empregos formais (GEM, 2020).

Esse perfil influencia o tipo e o porte dos negócios criados, impactando na longevidade e na geração de valor econômico. Ainda assim, os dados específicos de São Benedito indicam um cenário mais equilibrado, que pode refletir o efeito de políticas públicas locais, redes de apoio e programas de incentivo que buscam mitigar essas desigualdades.

Nesse sentido, o fortalecimento do empreendedorismo feminino requer não apenas a promoção da igualdade formal no acesso a oportunidades, mas também a transformação das condições sociais que condicionam as escolhas e limitações das mulheres. Investimentos em capacitação, acesso ao crédito, flexibilização das responsabilidades domésticas e estímulo à participação feminina em setores diversificados são apontados como medidas fundamentais para ampliar a presença e o protagonismo das mulheres no ambiente empresarial (Vieira; Vieira; Enes, 2022; Barretto, 2023).

4.2 DISTRIBUIÇÃO POR FAIXA ETÁRIA

A análise da distribuição por faixa etária das mulheres donas de negócios no Ceará permite identificar os perfis predominantes no empreendedorismo feminino, possíveis mudanças geracionais e tendências de crescimento ou de retração em determinados grupos etários.

Os dados indicam concentração significativa na faixa etária de 30 a 59 anos, destacando a maturidade como característica comum entre as empreendedoras. A mediana situa-se na faixa de 40 a 49 anos, pois é nesse intervalo que o percentual acumulado ultrapassa 50% da amostra. Há uma diferença de 16 pontos percentuais entre a faixa mais representativa (30 a 39 anos, com 25%) e a menos representativa (0 a 24 anos, com 9%), o que reforça a ideia de que o empreendedorismo feminino é mais comum entre mulheres com mais de 30 anos, possivelmente devido à maior estabilidade pessoal e profissional.

A média de idade, estimada a partir dos pontos centrais de cada grupo, foi de aproximadamente 42,5 anos, com a faixa predominante entre 40 e 49 anos e média aproximada de 43,7 anos.

A literatura corrobora essa tendência ao expor que a experiência acumulada favorece habilidades gerenciais, redes de contato e conhecimento de mercado (Bolson; Oliveira; Vale, 2018), e a idade se relaciona a fatores econômicos como acumulação de capital e maior acesso a crédito (Gonçalves; Santos, 2023). Já a menor presença de jovens (0 a 24 anos) pode refletir limitações de acesso a recursos financeiros, menor experiência de mercado e desafios de conciliação entre formação e vida profissional (Teixeira; Bomfim, 2016).

O empreendedorismo feminino no Ceará é predominantemente exercido por mulheres em idade produtiva consolidada, em transição de carreira ou em busca por novas oportunidades econômicas (JUCEC, 2022), alinhado a estudos que associam idade avançada e estabilidade econômica ao investimento em negócios próprios (Cineglaglia *et al.*, 2021), geralmente mulheres que já possuem família e empreendem para garantir o sustento (GEM, 2020).

Entender essa ligação entre idade, experiência de mercado e condição econômica permite que políticas públicas e instituições de apoio delineiem ações específicas por faixa etária, promovendo inclusão e sustentabilidade dos negócios (SEBRAE, 2024), respeitando as particularidades das diferentes fases da vida dessas mulheres (Vieira; Vieira; Enes, 2022).

Analisar esse perfil no contexto local, como em São Benedito, é relevante para compreender se as dinâmicas regionais acompanham as tendências nacionais ou apresentam particularidades ligadas a fatores socioeconômicos, como políticas públicas, estrutura do mercado de trabalho local ou perfil cultural da população (Jucec, 2022). Empreendedores mais experientes tendem a identificar oportunidades e gerenciar riscos com mais eficácia (Drucker, 1985; Bruni, 2012), embora saúde, disposição para aprender e suporte social também influenciem a longevidade dos negócios (Cineglaglia *et al.*, 2021).

Em São Benedito, a média de idade ponderada pelas faixas etárias é estimada em aproximadamente 61 anos, demonstrando um perfil envelhecido, consistente com a forte representação nas faixas de 51 a 70 anos. A mediana encontra-se entre 51 e 60 anos, já que o percentual acumulado até essa faixa atinge 47,2% e, somado à faixa seguinte (61 a 70 anos), ultrapassa 70%. A diferença entre a menor participação (21 a 30 anos, com 1,4%) e as maiores incidências (51 a 60 e 61 a 70 anos, ambas com 23,9%) é de 22,5 pontos percentuais, evidenciando forte presença de mulheres mais velhas e baixa adesão de jovens adultas ao setor.

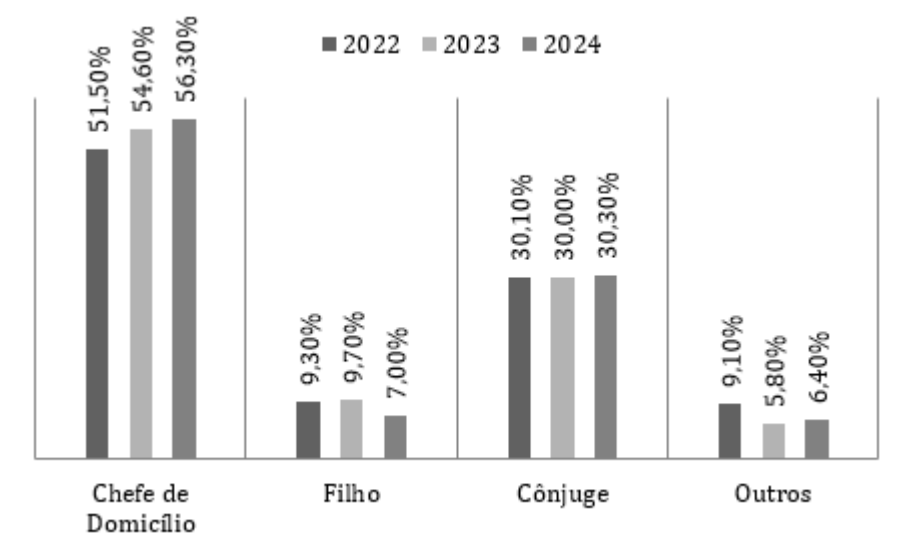
Esse perfil segue a mesma lógica do estado, onde mulheres acima de 40 anos predominam, supostamente por experiência de vida mais prolongada e visão ampla do mercado (Bolson; Oliveira; Vale, 2018). A baixa participação de jovens sugere maior dificuldade de inserção por falta de experiência e acesso a crédito, cenário que contradiz Vieira, Vieira e Enes (2022) quanto à visibilidade e ao fomento do empreendedorismo feminino, já que a baixa representatividade de um grupo etário indica ausência de incentivo.

Assim, enquanto o empreendedorismo feminino no município é marcado pela experiência de mulheres maduras, a exclusão das jovens revela lacunas que demandam atenção para garantir maior equidade e diversidade.

4.3 POSIÇÃO NO DOMICÍLIO

A Figura 3, referente à posição de domicílio das mulheres donas de negócios no Ceará, revela uma tendência crescente de liderança feminina nos lares. A variação positiva ao longo do triênio foi de 4,8 pontos percentuais, indicando um fortalecimento do papel das mulheres enquanto principais provedoras. Em contrapartida, a posição de filho apresentou redução, representando uma variação negativa de 2,7 pontos.

Figura 3 – Mulheres em posição de domicílio no Ceará - 2022 a 2024



Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

A categoria chefe de domicílio demonstrou crescimento contínuo ao longo dos três anos analisados. A média percentual no período foi de 54,13%, e a mediana situou-se em 54,6%, confirmando uma distribuição estável e crescente. A variação

entre o primeiro e o último ano foi de 4,8 pontos percentuais. Esta categoria apresentou crescimento consistente indicando não apenas uma maior liderança feminina no ambiente doméstico, mas também possivelmente refletindo um amadurecimento das mulheres nessa condição, associado à acumulação de experiência e maior autonomia financeira. Estando diretamente relacionada à experiência adquirida no mercado e à consolidação das competências empreendedoras, de modo que mulheres em faixas etárias mais avançadas tendem a possuir redes de contatos mais estruturadas e maior capacidade de gestão, favorecendo a sustentabilidade de seus negócios (Bolson; Oliveira; Vale, 2018; Vieira; Vieira; Enes, 2022).

Por outro lado, a categoria filho apresentou trajetória inversa. Apesar de pequena oscilação positiva entre 2022 (9,3%) e 2023 (9,7%), o percentual caiu para 7,0% em 2024, resultando em uma variação negativa de 2,3 pontos percentuais no período analisado. A média de representatividade foi de 8,67%, e a mediana, de 9,3%. Estudos como os de Gonçalves e Santos (2023) destacam que empreendedoras em idades iniciais frequentemente lidam com restrições de capital, dificuldade de acesso a crédito e menos experiência gerencial, o que pode impactar negativamente seu desempenho e permanência no empreendedorismo. Além disso, a necessidade de conciliar múltiplas funções, inclusive familiares e sociais, pode ser um fator de maior pressão para esse grupo etário, restringindo sua capacidade de expandir suas atividades empresariais.

No que se refere à posição de cônjuge, os valores mantiveram-se praticamente estáveis ao longo dos três anos. A média foi de 30,13%, e a mediana, de 30,1%. A variação de apenas 0,2 ponto percentual sugere estabilidade nessa posição, sem alterações significativas no perfil das mulheres que se enquadram nessa categoria. Quanto à categoria “cônjuge”, a estabilidade percentual sugere uma posição intermediária, possivelmente associada a mulheres com alguma experiência consolidada, que atuam em negócios familiares ou compartilhados. A permanência constante pode refletir uma situação econômica mais estável, mas também pode indicar limitações na autonomia decisória dessas empreendedoras, conforme apontam Cineglaglia *et al.* (2021). Isso reforça a ideia de que a idade e o tempo de atuação influenciam não apenas a experiência de mercado, mas também o papel social e econômico desempenhado pelas mulheres dentro do contexto empreendedor.

O grupo classificado como outros apresentou queda no primeiro ano, com leve recuperação em 2024. Ainda assim, a variação entre 2022 e 2024 foi negativa, totalizando uma redução de 2,7 pontos percentuais. A média do período foi de 7,1%, e a mediana, de 6,4%. Essa oscilação pode indicar redefinições na autodeclaração das posições familiares ou transformações na estrutura dos domicílios, que merecem atenção em futuras investigações. evanta hipóteses sobre mudanças nas estruturas familiares ou nas autodeclarações das mulheres, refletindo dinâmicas sociais mais amplas que afetam a forma como a mulher se posiciona no contexto doméstico e profissional. Essa oscilação pode estar ligada a transformações demográficas e econômicas que impactam diretamente o perfil das microempreendedoras, requerendo investigações futuras que aprofundem a relação entre faixa etária, condições sociais e desempenho empreendedor (Barretto, 2023; SEBRAE, 2024).

4.4 POSIÇÃO OCUPACIONAL

De acordo com o Quadro 1, a grande maioria das mulheres empresárias trabalha por conta própria, A variação positiva de 2,9 pontos percentuais ao longo do período evidencia a consolidação do trabalho autônomo como principal modalidade de inserção no empreendedorismo feminino.

Quadro 1 – Mulheres em posição ocupacional no Ceará- 2022 a 2024			
Ano			
Posição	2022	2023	2024
Empregador	9,6%	8,6%	6,7%
Próprio	90,4%	91,4%	93,3%

Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

Por outro lado, a categoria empregadora apresentou decréscimo que representa uma variação negativa de 2,9 pontos A média dos percentuais de empreendedoras autônomas nos três anos foi de 91,7%, enquanto a média de empregadoras foi de 8,3%. A mediana para ambas as categorias está nos valores registrados em 2023 (91,4% e 8,6%, respectivamente), reforçando a tendência de predomínio do trabalho autônomo e queda na geração de empregos formais por mulheres.

Fatores econômicos, como acesso a crédito e capital de giro, impactam especialmente as empreendedoras mais jovens, que muitas vezes não contam com

garantias ou histórico financeiro robusto para obter financiamento. Isso pode restringir o crescimento do negócio e a contratação de funcionários, limitando a transição do trabalho autônomo para a condição de empregadora formal (GEM, 2020). Além disso, as responsabilidades familiares, que recaem com mais intensidade sobre mulheres em determinadas faixas etárias, influenciam diretamente o tempo disponível para dedicar-se ao negócio, afetando sua escalabilidade (Cineglaglia *et al.*, 2021; Gonçalves; Santos, 2023).

A formalização também apresenta resultados interessantes para a pesquisa. O Quadro 2 apresenta o comparativo das mulheres donas de negócio com Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica (CNPJ).

Quadro 2 – Mulheres donas de negócios com CNPJ no Ceará- 2022 a 2024			
Ano	2022	2023	2024
Donas de Negócios			
Formais	21,9%	17,9%	17,3%
Informais	78,1%	82,1%	82,7%

Fonte: Elaborado pelo auto (2025).

De acordo com o Quadro 2 a variação negativa de 4,6 pontos percentuais reflete um encolhimento da formalização, que pode estar associada a barreiras burocráticas, econômicas ou falta de incentivos públicos. A média de formalização no período foi de 19%, enquanto a informalidade obteve média de 81%. A mediana está próxima aos valores de 2023, com 17,9% de formalizadas. A tendência de informalidade reforça a vulnerabilidade econômica desse público, limitando seu acesso a crédito, previdência e demais direitos trabalhistas.

4.5 EMPREGABILIDADE E ESCOLARIDADE NO MUNICÍPIO DE SÃO BENEDITO

Os empregos ofertados no município de São Benedito perpassam desde a administração pública até o setor privado, como em fábricas e lojas de varejo. Os dados apresentados no Quadro 3 mostram a relação desse critério no ano de 2023.

Quadro 3 – Empregabilidade em São Benedito- 2023		
Ano	2022	2023
Empregabilidade		
Soma total de empregos	4.393	6.205

Ano	2022	2023
Empregabilidade		
Média mensal de emprego gerados	27	42

Fonte: Elaborado pelo autor, (2025).

O município de São Benedito apresentou um salto na geração de empregos (Quadro 3), resultando em uma variação positiva entre 2022 e 2023 é de 41%. A média entre os dois anos foi de 5.299 empregos gerados, sendo que o valor de 6.205 pode ser considerado também como a mediana em um intervalo de apenas dois anos. Essa variação representa um crescimento expressivo e pode estar associada ao aquecimento do setor produtivo, incremento de políticas públicas locais ou aumento na demanda por serviços e comércio, típicos do empreendedorismo feminino.

A média da escolaridade de mulheres empreendedoras no Ceará, em 2024 aproxima-se do ensino médio incompleto como ponto de maior concentração. A mediana, que representa o valor central da distribuição, encontra-se na faixa do ensino médio completo (37%), indicando que metade das mulheres está nesse nível ou abaixo dele. A variação negativa entre o maior grupo (41%) e o menor (22%) é de 0,19 pontos percentuais, reforçando a necessidade de políticas de qualificação e formação continuada voltada a esse público.

A escolaridade de mulheres empreendedoras no Ceará, em 2024 aproxima-se do ensino médio incompleto como ponto de maior concentração, a mediana, que representa o valor central da distribuição, encontra-se na faixa do ensino médio completo (37%), indicando que metade das mulheres está nesse nível ou abaixo dele. A variação negativa entre o maior grupo (41%) e o menor (22%) é de 0,19 ponto percentual, reforçando a necessidade de políticas de qualificação e formação continuada voltadas a esse público.

O Quadro 4 mostra a soma total de matrículas nas escolas, a média e variação no nível de escolaridade no município de São Benedito. O cálculo da variação foi considerado entre o ano mais recente e o mais antigo da base de dados, sendo 2024 e 2010, respectivamente.

Quadro 4 – Indicadores de escolaridade de mulheres em São Benedito- 2010 e 2024

Ano	2010	2024
Indicadores		
Média entre todos os níveis	6.295	4.226
Variação entre todos os níveis	96%	97%

Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

Conforme o Quadro 4 mostra, a média entre os anos de 2010 a 2024 sofreu uma queda, podendo concluir que houve uma diminuição entre todos os graus de escolaridade. Além disso, a variação sofreu um pequeno aumento de 1%.

4.6 RENDIMENTO E HORAS TRABALHADAS

A desigualdade de gênero permanece evidente no mercado de trabalho. A diferença salarial bruta foi de R\$ 385,00, mesmo com uma diferença de 5 horas semanais trabalhadas a menos pelas mulheres. A média de rendimento entre os dois gêneros é de R\$ 1.866,50, mas a mediana, tomando apenas os dois valores disponíveis, se aproxima da média aritmética. A diferença percentual entre os rendimentos é de aproximadamente 18,7% a menos para as mulheres, o que evidencia uma lacuna relevante, ainda que a carga horária também seja inferior. O Quadro 5 mostra esta relação com referência ao ano de 2024.

Quadro 5 – Rendimento real e horas trabalhadas - 2024

Ano	Homens	Mulheres
Renda e horas		
Rendimento real	R\$2,059,00	R\$1.674,00
Horas trabalhadas	38h	33h

Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

Essa desigualdade é reflexo de múltiplos fatores, incluindo a informalidade, a menor escolaridade média, e a concentração das mulheres em setores menos valorizados economicamente. Tal dado reforça a urgência de políticas de equidade salarial e valorização da força de trabalho feminina.

Nesse sentido, apesar da forte presença masculina no empreendedorismo, a participação das mulheres neste setor é vista como uma inovação para o mercado, pois trazem modelos de negócios com foco na responsabilidade social, não visando apenas o lucro, e buscando atender as necessidades específicas de grupos minoritário, como as mulheres e as comunidades a beira da marginalização (Bolson; Oliveira; Vale, 2018). Assim, a presença das mulheres no mercado é uma oportunidade de repensar os modelos de negócios e as práticas empresariais tradicionais, pois promove a discussão de como o mercado se comporta – com forte participação masculina – e sugere mais inclusão e diversificação (Cineglaglia *et al.*, 2021).

Os resultados mostram que, embora haja crescimentos consideráveis na participação feminina no empreendedorismo sobretudo em contextos locais como São Benedito, ainda persistem desigualdades de gênero, desafios estruturais e barreiras econômicas que limitam a atuação plena das mulheres. Esses achados evidenciam a carência de políticas públicas que integrem e promovam a equidade, a formalização e a valorização da mulher empreendedora no cenário socioeconômico cearense.

5 CONCLUSÃO

O objetivo geral desta pesquisa consistiu em analisar os principais obstáculos enfrentados pelas mulheres empreendedoras no Brasil, com ênfase no Estado do Ceará, para a expansão, sustentabilidade e continuidade de suas micro e pequenas empresas entre os anos de 2022 e 2024. Essa meta central buscou não apenas mapear as barreiras estruturais e conjunturais que limitam o desenvolvimento desses empreendimentos, mas também destacar o papel do empreendedorismo feminino como instrumento de inclusão econômica e social em contextos regionais marcados por desigualdades persistentes. Ao delimitar o foco no Ceará, o estudo visou contextualizar desafios nacionais em uma realidade local, considerando variáveis como renda, formalização, escolaridade, faixa etária e posição domiciliar, que influenciam diretamente a viabilidade dos negócios liderados por mulheres. Com base nos achados apresentados, pode-se afirmar que o objetivo geral foi amplamente atingido.

A investigação identificou obstáculos-chave, tais como a baixa formalização (com médias de 81% de informalidade no período analisado), a desigualdade de renda em comparação aos empreendedores masculinos, a limitada escolaridade (predominantemente até o ensino médio incompleto) e a concentração em faixas etárias maduras, que comprometem a competitividade e a sustentabilidade dos empreendimentos.

O retrato da mulher microempreendedora cearense revela predominância de indivíduos que atuam por conta própria, com baixos índices de formalização e concentração significativa nas faixas etárias intermediárias e maduras. A média de rendimento inferior à dos homens, aliada à informalidade predominante, reforça a hipótese de que o empreendedorismo feminino tem sido em muitos casos, uma alternativa de subsistência diante da ausência de oportunidades formais e estáveis no

mercado de trabalho. Essa condição compromete o potencial de geração de renda ampliada e limita o acesso a direitos previdenciários e trabalhistas.

Ao considerar a variável da escolaridade, observa-se uma relação direta entre nível educacional e capacidade de estruturação dos empreendimentos. A maioria das mulheres empreendedoras possui até o ensino médio incompleto, o que, somado à informalidade, contribui para um cenário de vulnerabilidade. A ausência de qualificação técnica e formação continuada constitui um dos principais entraves para o fortalecimento dos negócios liderados por mulheres, restringindo a competitividade e a sustentabilidade dessas iniciativas no médio e longo prazo.

No plano local, o município de São Benedito destaca-se positivamente ao apresentar um índice de participação feminina no empreendedorismo acima da média estadual. Esse dado sinaliza a importância dos contextos regionais e de políticas públicas territoriais para a promoção da equidade de gênero no ambiente econômico. Entretanto, a concentração de mulheres empreendedoras em faixas etárias mais elevadas e a baixa adesão das jovens ao setor demonstram a urgência de estratégias que incentivem o empreendedorismo juvenil feminino, com foco em capacitação, acesso a crédito e fomento à inovação.

A análise da posição no domicílio e da ocupação reforça o papel central que muitas mulheres vêm assumindo como provedoras principais em seus lares. O aumento das mulheres chefes de domicílio indica transformações na dinâmica familiar e nos papéis de gênero, mas também exige atenção quanto à sobrecarga de responsabilidades que esse acúmulo pode gerar. Tais dados revelam que, para muitas empreendedoras, a renda obtida com o trabalho autônomo é a principal ou única fonte de sustento familiar, o que aumenta a pressão sobre essas mulheres e evidencia a necessidade de maior proteção social.

A desigualdade de renda entre os sexos, verificada mesmo entre empreendedores autônomos, reafirma a persistência de assimetrias estruturais no mercado de trabalho. A diferença salarial, ainda que justificada por diferentes cargas horárias, não elimina a lacuna de oportunidades nem o descompasso entre esforço e remuneração. Essa realidade exige políticas públicas de valorização do trabalho feminino, com foco na redução das desigualdades salariais, estímulo à formalização e apoio ao crescimento dos microempreendimentos liderados por mulheres.

O estudo não apresentou restrições significativas que pudessem comprometer a validade ou a abrangência de seus resultados. A disponibilidade de fontes

secundárias confiáveis, como relatórios do SEBRAE e dados da Receita Federal, aliada à análise estatística robusta, permitiu uma abordagem sem desafios notáveis quanto ao acesso a informações ou recursos.

Como sugestão, a realização de pesquisas longitudinais que acompanhem o trajeto de microempreendedoras cearenses ao longo de períodos mais extensos, incorporando variáveis como o impacto de políticas públicas e o papel da inovação tecnológica na superação de obstáculos. Ademais, estudos comparativos entre estados nordestinos poderiam enriquecer a compreensão das desigualdades regionais, assim como investigações qualitativas.

Diante dos dados encontrados, conclui-se que o empreendedorismo feminino no Ceará representa uma importante via de geração de renda e de autonomia econômica para as mulheres, especialmente diante da precariedade do mercado formal. No entanto, sua consolidação depende de um conjunto articulado de ações públicas e privadas que promovam inclusão, capacitação, acesso a crédito e equidade de condições. O fortalecimento das microempreendedoras não é apenas uma demanda econômica, mas também uma estratégia de justiça social que contribui diretamente para o desenvolvimento local e para a redução das desigualdades de gênero.

REFERÊNCIAS

- BARRETTO, I. Empreendedorismo por oportunidade cresce no Brasil e transforma o perfil das MPes. **Revista Pequenas Empresas & Grandes Negócios**, 2023. Disponível em: <https://revistapegn.globo.com>. Acesso em: 31 jun. 2025.
- BOLSON, Saionara Branco.; OLIVEIRA, Líbia Maria Paiva de.; VALE, Maria Páscoa do. Empreendedorismo feminino: desafios e conquistas no mundo dos negócios. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Micro e Pequenas Empresas**, v. 3, n. 2, p. 84-102XX, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.editoraenterprising.net/index.php/regmpe/article/view/176>. Acesso em: 29 mar. 2025.
- BRASIL. **Receita Federal do Brasil**. Disponível em: <https://www.gov.br/receitafederal>. Acesso em: 2 abr. 2025.
- BRUNI, Adriano Leal. **SPSS Guia Prático para Pesquisadores**. 1. ed. São Paulo: Atlas, 2012.
- CINEGLAGLIA, Maria Natalina.; MIRANDA, Maria Geralda de.; FRIEDE, Reis.; CAVALCANTI, Marcia T. Desafios do empreendedorismo feminino. **LexCult: revista eletrônica de direito e humanidades**, v. 5, n. 3, p. 59-76, 2021. Disponível em: <https://lexcultccjf.trf2.jus.br/index.php/LexCult/article/view/544>. Acesso em: 03 mar. 2025.
- DE SOUSA, Angélica Silva.; DE OLIVEIRA, Guilherme Saramago.; ALVES, Laís Hilário. A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos. **Cadernos da FUCAMP**, v. 20, n. 43, 2021. Disponível em: <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2336>. Acesso em: 22 mar. 2025.
- DRUCKER, P. F. **Inovação e espírito empreendedor: prática e princípios**. São Paulo: Pioneira, 1985.
- GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR. **Empreendedorismo no Brasil: Relatório Executivo 2020**. Londrina: Instituto Brasileiro de Qualidade e Produtividade, 2021. Disponível em: https://datasebrae.com.br/wp-content/uploads/2021/10/Relatorio_GEM_2020.pdf. Acesso em: 20 jan. 2025.
- GONÇALVES, Haline Maltez do Couto.; SANTOS, Fernando de Almeida. Empreendedorismo feminino: como empreender e conciliar as funções maternas. **Revista Pensamento e Realidade**, v. 38, n. 2, p. 60-78, 2023. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/pensamentorealidade/article/view/60426>. Acesso em: 20 jan. 2025.
- JUCEC. JUNTA COMERCIAL DO ESTADO DO CEARÁ. **Empreendedorismo feminino: em 2021, das 47% das novas empresas no Ceará são de mulheres**. Publicado em 07/03/2022. Disponível em: <https://www.jucec.ce.gov.br/2022/03/07/empreendedorismo-feminino-em-2021-das-47-das-novas-empresas-no-ceara-sao-de-mulheres/>. Acesso em: 20 mar. 2025.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ermani Cesar de. **Metodologia do Trabalho Científico**: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico. 2 ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. Disponível em: <https://www.feevale.br/Comum/midias/0163c988-1f5d-496f-b118-a6e009a7a2f9/E-book%20Metodologia%20do%20Trabalho%20Cientifico.pdf>. Acesso em: 31 mar. 2025.

SEBRAE; FGV – FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS. **Participação das micro e pequenas empresas na economia brasileira**: 2011. Brasília: SEBRAE, 2011.

SEBRAE. SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS. **Movimente: mulheres, empreendedorismo e inovação**. Brasília: SEBRAE, 2024. Disponível em: https://movimente.df.sebrae.com.br/assets/download/movimente/Livro_Movimente.pdf. Acesso em: 26 mar. 2025.

SEBRAE. SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS. **Micro e pequenas empresas geram 27% do PIB do Brasil**. Disponível em: <https://sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/ufs/mt/noticias/micro-e-pequenas-empresas-geram-27-do-pib-do-brasil,ad0fc70646467410VgnVCM2000003c74010aRCRD>. Acesso em: 24 mar. 2024.

SEBRAE/DIEESE. SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS. Governo Federal. **Ceará: mais de 679 mil MEIs, micro e pequenas empresas podem se beneficiar do Acredita**. 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/secom/pt-br/assuntos/noticias-regionalizadas/acredita/ceara-mais-de-679-mil-meis-micro-e-pequenas-empresas-podem-se-beneficiar-do-acredita>. Acesso em: 21 mar. 2025.

TEIXEIRA, Rivanda Meira.; BOMFIM, Lea Cristina Silva. Empreendedorismo feminino e os desafios enfrentados pelas empreendedoras para conciliar os conflitos trabalho e família: estudo de casos múltiplos em agências de viagens. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 44-63, 2016. Disponível em: https://www.revtur.org/scielo.php?pid=S1982-61252016000100044&script=sci_arttext. Acesso em: 27 jan. 2025.

VIEIRA, Diego Mota.; VIEIRA, Mariana Borges Nunes.; ENES, Yuri Odaguiri. Empreendedorismo feminino: significados, motivações e desafios das mulheres que decidem empreender. **REMIPE-Revista de Micro e Pequenas Empresas e Empreendedorismo da Fatec Osasco**, v. 8, n. 2, p. 263-282, 2022. Disponível em: <https://remipe.fatecosasco.edu.br/index.php/remipe/article/view/377>. Acesso em: 01 mar. 2025.